

Indústrias criativas num impasse



Os residentes do hub criativo Todos e da oficina Fábrica Moderna, em Marvila, partilham espaços, serviços e negócios, mas enfrentam dores de crescimento num sector fragmentado e a precisar de um reforço nas políticas públicas. Falamos das indústrias culturais e criativas, que estão a ser estudadas no âmbito do projecto CRE: HUB, financiado pelo programa Interreg Europa, numa altura em que o cluster do sector apresentou a insolvência.

A

quela era a zona do "bitóleo", das ruelas do bife com óleo, conta o designer gráfico Frederico Mancellos, sentado num dos sofás do antigo armazém da Rua Pereira Henriques, em Marvila, que é hoje a casa do Todos, hub criativo que alberga cerca de 80 pessoas de diferentes empresas e que entre si partilham não só o espaço como projectos que geram um volume de negócios entre quatro e cinco milhões de euros anuais. Em 2012, quando Frederico chegou àquele quarteirão ordenado entre o Tejo e a linha férrea, outrora habitado pela indústria, havia patos e galinhas e as vizinhas ofereciam ovos à sua filha. Ele e o sócio, o outro Frederico, de apelido Miranda, pediram ajuda aos amigos e às mães. Uma cozinhou bacalhau com natas e a outra fez arroz de polvo. Mães, filhos e amigos juntaram-se no armazém, pintaram paredes, mudaram madeiras. Assim nasceu a empresa Frederico & Frederico e assim começava a nascer o Todos.

Este espaço de criação e produção de conteúdos audiovisuais em Marvila é apontado como modelo de gestão autónomo e auto-sustentável no âmbito do projecto CRE: HUB – Policies for Creative industries: the hub for innovative regional development, um trabalho de apoio ao empreendedorismo que propõe um plano de acção, sobretudo em termos de políticas públicas, de apoio à criação de empresas e ao aumento da competitividade na área da economia criativa e digital (ver caixa). Financiado pelo programa Interreg Europa, o projecto reúne oito regiões, entre as quais está a Área Metropolitana de Lisboa (AML), representada pela ADIST (Associação para o Desenvolvimento do Instituto Superior Técnico).

A Área Metropolitana de Lisboa concentra 45,6% das empresas e 50,8% dos empregados que trabalham nas indústrias culturais e criativas (ICC) em Portugal. O sector é constituído sobre-

tudo por PME, em especial de cinco áreas – edição e imprensa, audiovisual e multimédia, interdisciplinar (incluindo artes e ofícios), publicidade e artes do espectáculo – e, por isso, as políticas públicas deverão ter em conta as suas necessidades específicas, refere Helena Silva Costa, consultora técnica do projecto CRE: HUB e gestora de comunicação na ADIST. “Apesar do carácter dinâmico e inovador, as ICC enfrentam dificuldades no acesso ao crédito e necessitam de recursos para aumentar o nível de competitividade global. Na região de Lisboa, as empresas do sector não têm acesso a fontes de financiamento nacionais públicas ou previstas no Orçamento do Estado, mas apenas comunitárias. Por outro lado, a complexidade dos procedimentos concursais e a especificidade das PME não asseguram uma equidade de oportunidades no acesso aos fundos.”

Os estudos sobre a relação entre cultura, criati-

página 12



Paulo Calado

A Agência para o Desenvolvimento das Indústrias Criativas (Addict) foi apresentada à insolvência em Abril passado, no Tribunal Judicial da Comarca do Porto.

À esquerda, encontra-se a Fábrica Moderna (www.fabricamoderna.com), oficina criativa partilhada com espaço para residentes.

Em cima, está o hub criativo Todos (www.todos.pt)

Ambos os espaços habitam a Rua Pereira Henriques, em Marvila.

página 11

vidade e economia não são novos e associados a eles estão o nome do economista Augusto Mateus que, em 2010, elaborou o documento “O sector cultural e criativo em Portugal”, no qual media, pela primeira vez, a relevância económica do sector no país, numa visão alargada de cultura. Em 2016, actualizou o diagnóstico no relatório “A economia criativa em Portugal – relevância para a competitividade e internacionalização da economia portuguesa”, promovido pela Agência para o Desenvolvimento das Indústrias Criativas (ADDICT). O documento revelava que, em 2012, o sector havia gerado um valor acrescentado bruto (VAB) de 5.349 milhões de euros e tinha assegurado 147.040 empregos – isto é, 3,6% e 3,2% de toda a riqueza e emprego, respectivamente, criados nesse ano em Portugal.

“CLUSTERS SIM, MAS FORTES”

De acordo com o CRE: HUB, o sector em Portugal é constituído sobretudo por pequenas indústrias e continua a estar muito disperso. Eliminar a sua fragmentação é, por isso, uma das propostas do projecto. “Proliferam as incubadoras, mas não especificamente para as PME do sector. Ora, é preciso apostar na aceleração. Clusters fortes, sim, aceleradoras, sim, centros de inovação, sim, mas com instrumentos reais de apoio às PME regionais”, salienta Helena Silva Costa. “É aconselhável acompanhar o ciclo de vida das empresas, disponibilizar fundos e recursos focados no crescimento e não apenas em start-ups. E há que conciliar iniciativas privadas com iniciativas públicas. Não faz muito sentido multiplicar ‘espaços’ como se fossem cogumelos. Isso, só por si, não fortalece nem diversifica o ecossistema regional de inovação.”

“Em termos gerais, desde 2016, há uma maior visibilidade do investimento do Governo no apoio ao ecossistema empreendedor. Já para não falar na nova e ambiciosa estratégia da Startup Portugal +. Agora, se nos focarmos nas indústrias culturais e criativas em concreto, apesar de algumas iniciativas da AICEP e do IAPMEI, há ainda muito a fazer”, sublinha a consultora.

Em 2008, foi criada a Agência para o Desenvolvimento das Indústrias Criativas (Addict), como cluster regional, agregando então um total de 106 associados, tais como RTP, Ordem dos Arquitectos, Fundação Casa da Música, Fundação de Serralves, Porto Editora. Em 2017, foi reconhecido pelo IAPMEI como cluster nacional, mas foi apresentado à insolvência em Abril passado, no Tribunal Judicial da Comarca do Porto.

Para promover a economia baseada no conhecimento e na cultura, o projecto refere a importância de desenvolver um cluster das ICC. “As recentes iniciativas e políticas de cluster da UE, que o IAPMEI tem acompanhado, visam melhorar o apoio ao empreendedorismo e ao crescimento das PME, promovendo a colaboração intersectorial e interregional que ainda é bastante deficitária. É certo que não são iguais em todos os países, mas os clusters fortalecem os ecossistemas industriais”, salienta Helena Silva Costa. “É importante ter um cluster nacional com um modelo de gestão eficiente. De contrário, nada vale se tivermos clusters só no papel e numa situação de permanente fragilidade”.

Village Underground Lisboa, Impact Hub e Lx Factory foram alguns dos espaços percorridos em Portugal pelos congéneres europeus do projecto CRE: HUB. Entre os casos “mais antigos” de boas práticas no país, Helena Silva Costa destaca o complexo industrial de Alcântara – parte deste terreno foi, entretanto, vendido ao grupo francês Keys Asset Management, especializado em imobiliário comercial. “Em 2008, o Lx factory foi transformado em ‘ilha criativa’ para empresas e profissionais, servindo também como palco de eventos de moda, publicidade, arquitectura e música. Além da reabilitação de uma área urbana abandonada, a preservação da autenticidade do local e a utilização das características industriais como imagem de marca, o conceito subjacente ao projecto e a gestão contribuíram fortemente para o sucesso”, aponta. “Na mesma época, destaco



Paulo Calado



Paulo Calado

Frederico Mancellos (em cima) é um dos fundadores do espaço Todos, em conjunto com o sócio Frederico Miranda. São “os Fredericos” e reúnem no seu espaço cerca de 80 pessoas. Na fotografia ao lado, está Rita Sampaio e Vasco Cosme, que fundaram, há um ano e meio, a Fábrica Moderna, “habitada” por 25 residentes.

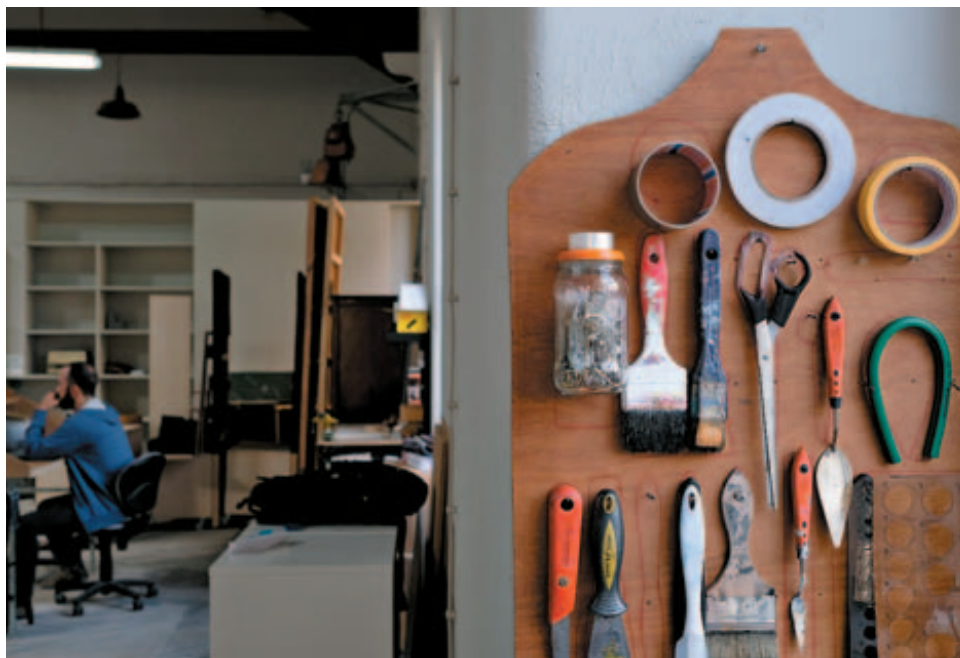
também a Startup Lisboa, fundada em 2011, como parte de um projecto de reabilitação urbana da Baixa, por iniciativa da Câmara Municipal de Lisboa (CML) e fruto de uma proposta do orçamento participativo incluída na Lisboa Cidade Criativa”, acrescenta. “O Professor Augusto Mateus diz, com graça, que a certa altura a Startup Lisboa se transformou num quisto político e a Lx Factory num quisto cultural – e houve, de facto, algum desvirtuamento no projecto inicial –, mas não podemos esquecer que a Lx Factory teve um espaço interessante de incubação de actividades criativas e que a Startup Lisboa foi a mais importante incubadora da rede de incubadoras de empresas da capital”.

Como iniciativa pública, embora em estado “embrionário”, Helena Silva Costa destaca as Criativas de Lisboa, projecto da autarquia lisboeta que agrega os serviços disponíveis para as ICC na capital, como o Fablab Lisboa, o Mercado de Oficinas do Bairro Alto, o Polo Cultural Gaivotas, a Incubadora das Artes de Carnide, o Centro de Inova-

ção da Mouraria. Como iniciativa inteiramente privada, a consultora aponta o hub criativo de Todos.

OS FREDERICOS

Frederico Mancellos tem 39 anos (ver perfil na página 14) e abriu um ateliê aos 23. O seu sócio, Frederico Miranda, de 34 anos, começou a realizar aos 17. Conheceram-se durante uma campanha de promoção do Europass, gostaram da (rápida) velocidade de trabalho um do outro e fundaram a Frederico & Frederico. Procuraram um espaço suficientemente grande no qual pudessem fazer filmagens e encontraram esse lugar no número 3 da Rua Pereira Henriques, em Marvila. Compraram mil euros em tinta e transformaram o armazém num espaço multifunções. É uma espécie de “playground”. “Tudo o que aqui temos é nosso, não recorremos ao banco, não houve investimento dos papás, nada disso. Mal acabámos de arrendar o espaço, recebemos uma chamada da equipa do ‘Night Train to Lisbon’ para nos arrendar



Miguel Baltazar



Miguel Baltazar

o armazém. Ganhámos logo dinheiro para pagar a renda do mês”, conta o designer. “Estamos sempre a reinvestir. Estamos agora a arrendar o quarto armazém. Ficámos com um total de cerca de quatro mil metros quadrados.” Há candidatos a residentes em lista de espera, garante o co-fundador do Todos.

Em comum, os Fredericos têm também a “pancada das velharias” e isso nota-se. Ali está uma antiga cabina Photomaton, um elevador avariado que habitava uma marisqueira portuguesa, uma roulotte forrada com publicidade, uma máquina flipper, um gira-discos, televisões-tijolo, almofadas, bicicletas, uma mesa de pingue-pongue. Qualquer objecto pode ser encontrado no armazém onde trabalham designers, fotógrafos, engenheiros de som, realizadores. “Somos uma microeconomia, trabalhamos em conjunto, temos capacidade de resposta e lucramos com isso. Temos esta cena portuguesa de conseguir estar em várias frentes, temos esta coisa MacGyver de conseguir solucionar, temos esta coisa muito tuga”. Segundo Frederico Mancellos, por trabalharem num

Um sector fragmentado

“É preciso olhar para o sector das indústrias culturais e criativas (ICC) com mais ousadia e atender às suas características específicas. Isso passa por eliminar a fragmentação do sector, identificando possíveis estruturas e infra-estruturas de ICC e apoiando a criação de uma plataforma electrónica que permita um mapeamento e monitorização permanente”, exemplifica Helena Silva Costa, consultora técnica do CRE: HUB – Policies for creative industries: the hub for innovative regional development. Financiado pelo programa Interreg Europa, o projecto europeu reúne oito regiões, como a Área Metropolitana de Lisboa (AML) – representada pela Associação para o Desenvolvimento do Instituto Superior Técnico (ADIST) –, e é liderado pela Autoridade de Gestão do PO região da Basilicata, em Itália. “Trata-se de um projecto de apoio ao empreendedorismo que propõe um plano de acção para as políticas públicas de apoio à criação de novas empresas e ao aumento da competitividade das PME na área da economia criativa e digital.” Através da troca de experiências e partilha de boas práticas, o projecto procura melhorar o Programa Operacional Regional de Lisboa (POR) – gerido pela Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional de Lisboa e Vale do Tejo (CCDR-LVT). “Há sucessos, mas também constrangimentos, como a deficiente divulgação e o prazo dos concursos previstos lançar no âmbito dos sistemas de incentivos a favor das empresas. Por outro lado, certamente que a reduzida participação (apenas a 40% para as empresas sediadas na AML) afasta candidatos. O esforço financeiro é enorme se tivermos em conta que estamos a falar de PME. Tem de haver mecanismos de compensação para o sector que, pela sua especificidade, tem algumas desvantagens em relação a outros sectores económicos.”

espaço partilhado, os residentes aumentam a sua facturação em 20%. “É a média que apurámos.”

Os projectos foram chegando. Os residentes do espaço fizeram “web episódios” para o Festival IN – Festival Internacional de Inovação e Criatividade. “Depois fomos convidados para participar no (consórcio) European Creative Hubs, conhecemos o Rui Coelho, director da Invest Lisboa – Agência de Investimento da Câmara Municipal de Lisboa e, de repente, começámos a estar no meio, onde somos conhecidos como os Freds, dois miúdos que se mexeram e fizeram a coisa acontecer. E os trabalhos foram aparecendo.”

Sempre que possível, os projectos são repartidos pelos habitantes do antigo armazém. Essa é, para Frederico, uma das grandes vantagens de trabalhar em espaços partilhados. “Existe uma espécie de moeda fiduciária, é quase aquela coisa da troca da batata pela cebola. Quando recebemos um projecto, recorremos aos nossos residentes”, conta. A série “Siga O Coelho Branco”, exibida na RTP2, é realizada e produzida por vários habitantes do Todos. Assim como o programa “ABC Direito”, para o qual criaram também uma aplicação. “Tentamos empregar todas as disciplinas numa produção, se possível com as pessoas que aqui trabalham”, frisa Frederico Mancellos, que está a expandir o legado dos hubs para países como Japão, onde se encontra o seu sócio. “Gostávamos de nos expandir por aqui, mas não sei o que vai acontecer. Recebemos pedidos diários de pessoas que gostavam de ser residentes, mas não posso aceitar, precisava de ter mais espaço”, lamenta. “Chegámos a tentar comprar o armazém Martins & Costa, que acabou por ser adquirido por um banco de investimento.”

UMA FÁBRICA MUITO MODERNA

Na mesma rua, em frente, está um “espaço sujo e barulhento” arranjado pelos fundadores do Todos aos mentores da Fábrica Moderna. É lá que, por vezes, os residentes do hub criativo testam produtos e fazem protótipos. “Ali, a malta é ‘hands on’ e nós aproveitamos as sinergias”, diz Frederico Mancellos. O número 24 da Rua Pereira Henriques já foi uma oficina de carros com cheiro a creolina. Hoje há uma grande mesa no meio do armazém. Ao lado estão ferramentas manuais e eléctricas, lixadeiras, serras de corte, martelos, máquina de corte a laser, fresadora, máquina de bordar CNC. A mesa e os instrumentos são partilhados pelos 25 residentes da Fábrica Moderna, que se assume como o primeiro “makerspace” comercial de Lisboa, uma oficina criativa partilhada onde se transformam ideias em produtos. “Aqui é estimulada a parceria e a partilha de conhecimentos, ou seja, no mesmo espaço, podemos ter pessoas da área da joalharia e da área de impressão 3 D, e este cruzamento do tradicional com o tecnológico é também uma coisa espectacular”, exprime Rita Sampaio, que fundou a Fábrica Moderna com o sócio Vasco Cosme.

Psicóloga clínica de formação, Rita, 34 anos, é uma apaixonada pelas indústrias criativas e pelos “makerspaces”, espaços com uma forte vertente “business” nos quais se promove o “do it yourself”, como a oficina Makerversity (<https://makerversity.org>), em Londres. A empreendedora portuguesa criou o seu primeiro projecto de espaço partilhado, o Makerspace Maquijig, em Palmela, que não vingou em termos financeiros – permanecendo hoje como Centro de Empresas Maquijig (CEM). Rita não desistiu do conceito, juntou-se aos músicos Makoto Yagyu e Fábio Jevelim, dos PAUS, e criou a HAUS, em Santa Apolónia, um estúdio de gravação com várias salas de ensaio, espaço partilhado por vários artistas.

Vasco Come, designer gráfico de 45 anos, identificou-se com as ideias de Rita, juntou-se à psicóloga e fundaram esta fábrica de pequenas produções customizadas que reúne “makers” de várias nacionalidades. Entre eles, está Mariana Filipe, que criou a marca de cerâmica Malga, o escultor Massimiliano Pipolo e a designer têxtil Mafalda Zagalo. “A grande vantagem deste espaço partilhado é que conseguimos criar negócio para os nossos residentes”, sublinha Vasco, que aponta o exemplo da marca Untable (www.untable.pt), criada em conjunto com as Edições do Gosto, na qual parte dos residentes participa com os seus saberes. E esses saberes vão sendo trocados. Mas, tal como o Todos, também a Fábrica Moderna sente as dores de crescimento. “Estamos com falta de espaço outra vez, mas achamos que estamos no sítio certo”, diz Vasco. “Sim, não queremos sair daqui”, sublinha Rita. **W**